

ABRAÇAR
A VULNERABILIDADE
NO CAMINHO
SINODAL



UNIÃO INTERNACIONAL
DAS SUPERIORAS GERAIS

www.uisg.org

Abraçar Nossa Vulnerabilidade.

Um gesto de humildade ou um apelo à transformação?

Dr. Ted Dunn

“Pois, quando sou fraco é que sou forte.”
2 Coríntios 12,10

Thomas Merton disse uma vez: *“Os humanos têm a responsabilidade de se encontrar onde estão, em seu próprio tempo e lugar na história a que pertencem e para a qual devem inevitavelmente contribuir ou com sua resposta ou com suas evasões, seja verdade e ação, ou mero slogan e gesto”*. As palavras de Merton nos apresentam um desafio. “Abraçar nossa vulnerabilidade” é um mero slogan, um gesto de humildade, ou é um verdadeiro apelo à transformação, um convite a assumir a responsabilidade por nossas vidas, a nos apropriar de nossa humanidade e agir de acordo com ela? Vamos explorar juntos o que significa realmente abraçar nossa vulnerabilidade, como isto poderia ser feito e qual poderia ser ~~seu~~ papel de vocês como líderes em facilitar este empreendimento em sua própria comunidade.

Contexto: Uma Grande Mudança e Caminho de Transformação

Esta é uma época de vida entre duas histórias, uma época de intervenção que todos nós podemos sentir, mesmo que ainda não possamos articular a nova narrativa. Por que dói quando ouvimos falar de outra pessoa sendo prejudicada? Por que, quando lemos que os recifes de coral estão morrendo e as geleiras derretendo, nos dá náuseas? A razão pela qual dói é literalmente porque está acontecendo a nós mesmos, para nossos eus ampliados. Talvez não possamos compreender isso plenamente, mas o sabemos por nossa intuição. A velha história está morrendo e uma nova está emergindo de nossa consciência coletiva.

Refiro-me a este tipo de mudança de consciência em espiral, ao movimento em direção a uma nova história, como uma Grande Mudança. Quero reconhecer esta

Grande Mudança como o fundamento a partir do qual uma nova história está emergindo para a Vida Religiosa, também. Acredito que vocês têm um papel fundamental a desempenhar e estão na vanguarda de uma nova consciência que está emergindo em todo o mundo.

Nosso mundo chegou a uma encruzilhada que nos coloca diante de uma escolha existencial. Podemos responder com medo, andando em círculos e nos fechando sobre nós mesmos, ou podemos escutar o “apelo mais profundo” e fazer parceria com os outros para deixar nascer uma nova maneira de ser. Se formos movidos pelo medo, acabaremos, sem muito pensar, seguindo o caminho de menor resistência que leva inevitavelmente à morte. Se impelidos pela coragem, porém, podemos optar por trilhar o antigo caminho em direção a uma nova vida. Rezo para que escutemos o pulsar do coração do novo e respondamos de todo o coração à atração e ao amor de Deus.

A vida religiosa é parte integrante desta Grande Transformação. O que está ficando cada vez mais claro é que o que nos conduziu ao hoje não nos conduzirá ao amanhã. O Papa Francisco, falando claramente para nós no ano passado, disse: “Não precisamos de Irmãs congeladas”. Este caminho sinodal é um esforço para nos levar além do passado e juntos discernir um novo caminho para o futuro. Estamos sendo chamados a caminhar juntos, a discernir juntos, a colaborar para criar um futuro cheio de esperança (Jeremias 29,11).

Não podemos caminhar para o futuro sem honrar nosso passado, nossos antepassados e nossas tradições, mas estes não podem nos conduzir até lá. Precisamos incluir e transcender o passado, diminuir nosso apego sobre as tradições honradas pelo tempo e as estruturas do passado, a fim de abrir espaço para o novo. O que nos leva ao futuro é nossa *coragem, criatividade e tenacidade* para dar vida aos nossos mais profundos anseios, chamados pela atração e amor de Deus. Honrar o passado não pode significar viver no passado. Honrar nossos ancestrais não pode significar viver como eles viveram. Se honrarmos verdadeiramente aqueles que nos conduziram até hoje, devemos fazer pela próxima geração o que nossos antepassados fizeram por nós: Devemos abrir espaço para o novo.

Helen Keller certa vez disse: “Uma curva na estrada não é um fim na estrada, a menos que você não consiga fazer a curva”. A grande maioria das comunidades não conseguirá fazer a curva para o futuro. Algumas esperarão até que seja tarde demais e, quando acordarem, já terão esgotado seus recursos e sua vontade de mudar. Outras farão apenas mudanças incrementais, acreditando que estão fazendo o que é necessário, apenas para descobrir que suas pequenas e seguras mudanças não são se quer suficientes.

Algumas das comunidades mais resilientes farão com sucesso esta curva no caminho e trarão vida nova. Elas terão uma mão na facilitação do surgimento de uma nova Vida Religiosa e colocarão sua marca nesta Grande Mudança. Elas não se adaptarão simplesmente a um mundo em mudança, elas ouvirão o apelo mais profundo, se envolverão no trabalho interior de transformação e trarão nova vida às comunidades e ao mundo.

Para atender a esse apelo mais profundo, vamos relembrar brevemente a diferença entre mudança e transformação. A mudança é um evento externo, um arranjo novo das coisas e, às vezes, um convite à transformação. No entanto, como dizem nos encontros dos Alcoólicos Anônimos, “Você pode mudar onde vive, mas leva seus padrões consigo”.

Em outras palavras, se mudarmos apenas as coisas superficiais e ignorarmos o trabalho mais profundo, a velha história irá migrar para um novo local. Nós a levamos conosco para nossos novos relacionamentos, novos lugares de trabalho ou novos lugares de vida. Ao longo dos anos, ficamos presos por essas velhas histórias, velhas estruturas, velhas maneiras de pensar e formas de vida padronizadas. Em outras palavras, podemos fazer mudanças externas, mas isso não é o mesmo que uma transformação.

A transformação, ao contrário, é um processo interno, uma caminhada que muda o sentido e o propósito de nossas vidas. Ela desloca os padrões e práticas de nossas vidas e as estruturas que as sustentam. Ela desloca nossa identidade e realinha nosso interior com sua expressão exterior. É o que Carl Jung quis dizer quando disse: “Os maiores problemas da vida nunca podem ser resolvidos, apenas ser superados”. A transformação não é solução de problemas. É um salto maturacional, uma busca interior para o realinhamento superficial da vida. É, em seu coração, um caminho de fé.

O Divino Mistério Pascal de transformação está além de nossa compreensão, mas certamente não acontece sem nossa participação ativa. O jovem Martin Luther King, Jr., sentado em uma cela de prisão, escreveu: “O progresso humano nunca rola sobre as rodas da inevitabilidade; ele vem através dos esforços incansáveis de homens (e mulheres) dispostos a serem colaboradores do trabalho com Deus”. Você pode tanto tentar planejar seu futuro quanto criar as condições para que a graça interceda. Para fazer o primeiro, você deve presumir saber o que é o futuro. Para fazer o segundo, você precisa aprender a cooperar com a graça e fazer o trabalho interior de transformação.

No ano passado, eu compartilhei o que significa estar numa encruzilhada e a oportunidade que ela tem de fazer conexões mais profundas com o Divino. Falei

do Vale da Morte, o lugar mais quente e seco dos Estados Unidos. Nada cresce lá porque não chove. No entanto, em raras ocasiões, contra todas as probabilidades, chove no Vale da Morte. E quando chove, todo o caminho do Vale da Morte se torna coberto de flores, um fenômeno chamado “super floração”. O que isto nos diz é que o Vale da Morte não está realmente morto. Ele está adormecido. Bem abaixo da superfície árida estão sementes de possibilidade à espera das condições certas. Em outras palavras, em sistemas orgânicos, *se as condições estiverem corretas, a vida é inevitável. Isso acontece o tempo todo.* Em suas comunidades, na Vida Religiosa, em nossa Igreja, se as condições estiverem corretas, a vida é inevitável. Acontece o tempo todo.

Reflexão

- 1. Como colaboradores de Deus, qual é o papel de sua comunidade nesta Grande Transformação?*
 - 2. Quais são as histórias que sua comunidade conta a si mesma que não são mais verdadeiras?*
 - 3. Ao ouvir o pulsar do coração do Novo, qual é a nova história que está surgindo em sua comunidade?*
-

Elementos Dinâmicos da Transformação

No ano passado, delinee o tipo de trabalho interior necessário para criar as condições para a graça interceder e fazer nossa parte como colabores do trabalho com Deus. Deixe-me agora descrever mais detalhadamente cada um dos cinco elementos dinâmicos ou processos-chave que, quando usados para envolver as comunidades no trabalho interior de transformação, criam as condições para que surja uma nova vida. Ao ouvi-los, observe a profundidade da vulnerabilidade que cada um deles abarca.

Mudanças na Consciência: Criar uma nova narrativa

Albert Einstein nos ensinou, com notoriedade, que não podemos resolver os problemas de hoje com o mesmo nível de consciência que lhes deu origem. Os especialistas sempre souberam disso, pois enfatizam a necessidade de mudar as perspectivas, padrões, emoções e crenças nas quais nossas feridas estão de outra forma inseridas. Em última análise, uma mudança de perspectiva ou

transformação de consciência nos permite escrever novas narrativas para nossas vidas, aquelas que são autênticas, libertadoras e que melhoram a vida. Verter vinho novo em odres novos permite o surgimento de nova vida (Mateus 9,16-17).

Para sua comunidade, isto envolve uma mudança de perspectiva em relação ao significado e propósito de suas vidas, reenquadrando o que missão e comunidade significam para você e reescrevendo a narrativa de sua caminhada de fé comunitária. Além desta mudança de perspectiva, porém, há o trabalho mais profundo de crescer em direção a níveis mais elevados de consciência. Para as comunidades, isto requer a prática da consciência e outras abordagens para despertar e expandir sua consciência pessoal e coletiva. Sem esta mudança coletiva, ou transformação mais profunda da consciência, as comunidades veriam e, portanto, moldariam o futuro tanto quanto o fizeram no passado. Uma nova consciência ajuda vocês a reconhecer as histórias que estão contando a vocês mesmas que não são mais verdadeiras e a abrir novas narrativas mais adequadas a quem vocês estão se tornando.

Recuperar nossa Voz Interior: A base e a fonte de tudo o que vive

“Há em todas as coisas visíveis ... uma plenitude escondida”, diz Thomas Merton. Em cada volta da espiral, em cada salto maturacional, nós derramamos vestígios desgastados de nós mesmos e reclamamos de novo nossa própria voz interior, o fundamento e a fonte de tudo o que vive. Quando somos frágeis e postos de joelhos e nos afastamos dos desejos de nosso próprio interior, de nossa própria alma, acabamos chegando a um ponto em que isso não é mais sustentável. Nosso falso eu desmorona diante da hipocrisia e sabemos que nossas vidas não são autênticas. Começamos o longo caminho de volta para recuperar o nosso verdadeiro eu. Retornamos à fonte oculta da vida recuperando e reautenticando nossa voz interior, renovando nossa alma e proclamando nossa vida de uma maneira totalmente nova. É uma caminhada heroica que nos leva de volta a nosso verdadeiro “eu”, àqueles que amamos e a Deus.

Para as comunidades isto significa tirar as máscaras e a armadura defensiva a fim de se envolver em conversas altamente profundas sobre seus desejos mais íntimos. Isso requer a reconstrução da confiança e a restauração do espaço verde para que o crescimento ocorra dentro da comunidade. Significa passar por sua própria noite escura como comunidade para se tornar mais real, para voltar para casa e recuperar sua voz interior. É uma caminhada para as comunidades heroicas recuperarem sua alma, o fundamento e a fonte de sua existência. Sem esta alma, sem esta interioridade, as comunidades apenas farão mudanças superficiais e construirão um castelo de papel como sua visão para o futuro.

Reconciliação e Conversão: O seio de nosso futuro

Parker Palmer nos diz, “Plenitude não significa perfeição - significa abraçar a fragilidade como parte integrante da vida”. Nós caminhamos em espiral para uma maior integridade e conexão através da reconciliação e conversão, o seio de nosso vir a ser, de nosso futuro”.

A reconciliação e a conversão estão no cerne da transformação. Não pode haver transformação sem curar nossas feridas não cicatrizadas e ninguém pode fazer isso por nós. Curar nossas feridas pessoais, reconciliar nossas relações e restaurar a integridade do que se separou e se desfez, compreende o trabalho contínuo de conversão e o caminho para uma nova vida. Este trabalho interior é o cadinho da transformação, o seio do nosso vir a ser, nossa transformação.

Os religiosos não são imunes à fragilidade. As comunidades, como qualquer grupo de longa data, acumulam bagagem, anos de feridas e conflitos não resolvidos. Trabalhar através desses conflitos, conciliar relacionamentos e curar as feridas da comunidade é o trabalho do cerne, do coração da transformação. É também o calcanhar de Aquiles para as comunidades, pois nenhuma delas terá sucesso sem capacitação e assistência adequadas. É o doloroso trabalho pessoal e interpessoal que a maioria das comunidades evita. Sem este trabalho de reconciliação e conversão, porém, não haverá transformação. Os membros se distanciarão emocionalmente e o todo do coletivo se tornará cada vez mais fragmentado.

Experimento e Aprendizagem: Nosso agir em direção a um novo jeito de ser

A senhora Julian de Norwich disse uma vez: “Primeiro há a queda, e depois nós nos recuperamos da queda. Ambas são a misericórdia de Deus!” Cada nova virada da espiral exige experimentação e aprendizado, exigindo que ajamos de modo novo. Não temos uma imagem clara, nenhum caminho claro e nenhuma garantia de sucesso enquanto nos preparamos e intuimos nosso caminho para frente. Vivemos nossas vidas em direção ao futuro, mas com o entendimento do passado. Transformar velhos caminhos em novos caminhos significa experimentar e aprender. Isto exige correr o risco de fracassar e ficar mais confortável com o desconforto. Significa agir do nosso jeito em uma nova maneira de ser. Significa caminhar sem se importar com a perfeição, sem pretender resolver todas as coisas. Significa aprender com nossos erros em vez de nos envergonhar e culpar os outros.

Para uma comunidade religiosa, isso significa se tornar uma *comunidade de aprendizagem*. Para ser uma comunidade de aprendizagem é preciso deixar de

lado a necessidade de provar o quanto já se sabe. Isto envolve quebrar normas comunitárias arraigadas, separar-se da tradição e comportar-se de maneira inovadora que ultrapassa a zona de conforto. Envolve tentar as coisas de maneira diferente, em vez de apenas tentar uma vez mais. Significa cometer erros e aprender com eles. Requer agir de uma maneira nova de ser, em vez de sucumbir à paralisia pela análise. Sem experimentar, introduzir novas e criativas possibilidades, arriscar novos empreendimentos e fazer parcerias de novas maneiras, não haverá transformação. É, como Teilhard de Chardin nos ensinou, evolução em ação.

Visão Transformativa: Reunir a sabedoria, tecer um sonho

O poeta irlandês, John O'Donohue, escreveu: “Eu adoraria viver como um rio que corre, levado pela surpresa de seu próprio desdobramento”. Cada nova volta na espiral é um processo de visão transformadora onde reunimos a sabedoria e tecemos um sonho novo. Cada nova virada na espiral torce o caleidoscópio e traz à tona um quadro inteiramente novo.

A transformação envolve ouvir nossos desejos mais profundos e nossas maiores aspirações de criar uma nova visão para o futuro. Ela requer deixar de lado o que não é mais verdadeiro, real ou vivificante e ouvir o apelo de Deus para uma vida nova. É um processo orgânico, emergente e continuamente interativo de visualizar o futuro. Envolve dar passos sem ter um quadro completo, ver o que emerge e dar o próximo passo melhor, à luz de novos entendimentos.

Para suas comunidades, isto requer o uso de mais do que apenas as abordagens convencionais de planejamento e visão. Quando os problemas são claros e as soluções são conhecidas, os enfoques convencionais podem ser adequados. Entretanto, quando engajados em mudanças profundas em busca de vida nova, os métodos conhecidos e as formas tradicionais de planejamento são inadequados. Suas comunidades precisam de novas abordagens para o planejamento e visão de futuro, abordagens que ajudem no trabalho de transformação, na exploração de seus desejos mais profundos e de criar oportunidades para o surgimento de uma vida nova.

Estes cinco elementos dinâmicos estão universalmente envolvidos tanto na transformação pessoal quanto na comunitária. Eles são formas de fazer nossa parte para cooperar com a graça e criar as condições para o surgimento de uma nova vida. O que se presume, e este trabalho interior exige, é nossa disposição de baixar nossas defesas e abraçar nossa própria vulnerabilidade com radical dependência da graça de Deus. Isso exige que tiremos nossas máscaras e abracemos a totalidade do que significa ser humano, não apenas nossos dons, forças e inteligência, mas nossas fraquezas, fragilidades e emoções como são. A

nossa transformação, para que seja eficaz, deve ir ao encontro da máxima quantidade de vulnerabilidade tolerável.

Este caminho para a mudança e transformação profundas, certamente, não é para os fracos de coração. É preciso coragem para arriscar a rejeição quando abrimos nossos corações e compartilhamos nosso verdadeiro “eu” com os outros. É preciso coragem para nos entregar e deixar para trás as pessoas e os lugares que um dia amamos, um modo de vida que outrora acarinhamos, para darmos lugar à nova vida. É preciso coragem para reconciliar, para oferecer e buscar o perdão e para perseguir nossos anseios mais profundos diante da resistência de nossa família, amigos e comunidade. E para as comunidades que optarem em percorrer esta trajetória, para fazer esta caminhada do Êxodo, precisarão de líderes que abracem e modelem corajosamente sua própria vulnerabilidade, e que criem os espaços de acolhida da partilha profunda de vida do outro, para que os membros se sintam encorajados a fazer o mesmo.

A coragem, é claro, não é a ausência de medo, mas a disponibilidade de agir diante dele. A palavra raiz para “coragem” é coração; significa ter coração. Precisamos dissipar o mito e as normas masculinas prevalecentes de que ser vulnerável é algum tipo de falha de caráter. Em nosso mundo secular e na Igreja, de alguma forma, temos o mito que os líderes devem retratar uma força inabalável, agir profissionalmente, proteger-se em certezas, e mascarar qualquer emoção que possa desmentir este retrato. Eles devem se blindar contra a dor ou a rejeição e fingir que são frios e calmos quando não o são. Eles devem falar a partir da razão e esconder seu coração, seus sentimentos, sua alma. Isso é uma loucura e causa grandes prejuízos!

Apesar destas normas, os estudos transculturais sobre liderança deixam bem claro que as qualidades mais importantes de um líder devem ser fundamentadas, honestas, reais e relatáveis. Um líder confiável é alguém corajoso o suficiente para arriscar a possibilidade de fracasso ou de parecer um tolo na busca de algo mais nobre. Não foi isso que seus fundadores e fundadoras fizeram? Como você pode ser um líder confiável se não é apaixonado pelo que está fazendo, generoso em compartilhar seus dons e talentos, se não tiver fundamentação e humildade suficientes para compartilhar seus erros e vulnerabilidades? Precisamos dissipar esse mito de que vulnerabilidade e produtividade são mutuamente exclusivas. Os líderes de alto desempenho usam sua vulnerabilidade como uma fonte de motivação, paixão e criatividade.

As pessoas precisam de líderes que sejam compassivos, não apenas espertos; empáticos, não apenas inteligentes; autênticos e relacionais, não altivos e distantes. Precisamos de líderes que nos inspirem por causa de sua humanidade,

não apesar dela. Não foi isto o que Jesus fez por nós? Ele não blindou seu coração e não deixou crescer uma “camada mais espessa”, como tantos líderes são aconselhados a fazer. Ele não se escondeu dos outros, não pregou a partir do púlpito, não se afastou da briga. Ele estava ali conosco, totalmente vulnerável, arriscando tudo, totalmente divino em sua humanidade. Não é por isso que somos inspirados pelas vidas de Nelson Mandela, Madre Teresa, Mahatma Gandhi, Teresa de Ávila, Martin Luther King, Dorothy Day, e Óscar Romero? Não é isso que nos emocionamos quando ouvimos a Daila Lama, Greta Thunberg, Desmond Tutu, Amanda Gorman, Volodymyr Zelenskyy, Malala Yousafzai, e todos aqueles que nos presenteiam com sua paixão, presença, humildade e humanidade?

Reflexão

-
- 1. O Papa Francisco nos diz: “Sem vulnerabilidade... não haveria humanidade verdadeira.” Então, negar nossa vulnerabilidade é negar nossa humanidade. Quanto de seu verdadeiro eu está presente na comunidade e de que forma você nega suas vulnerabilidades, sua humanidade?*
-

Abraçar nossa vulnerabilidade, viver na plenitude de nossa humanidade com o coração bem aberto, é o que nos transforma. As únicas pessoas que não experimentam ser vulneráveis são aquelas sem empatia ou sem compaixão. Aquelas que a abraçam conhecem sua beleza, seu potencial criativo; elas sabem que ser vulnerável é o que nos torna humanos e tem o poder de curar e transformar corações. Elas sabem que não podemos anestesiar nosso medo, vergonha ou culpa sem também extinguir nossa alegria, amor e compaixão. As pessoas que abraçam as vulnerabilidades em si mesmas podem abraçá-las nos outros.

Uma mulher afrodescendente voltou recentemente à sua casa mãe de Irmãs predominantemente brancas para participar de uma reunião que eu estava facilitando. Ela nos disse que quando chega à casa mãe, ela usa uma “couraça” para proteger sua pessoa, seu coração, do julgamento antecipado e dos preconceitos. Aprendemos através de experiências de vida a proteger nossos corações e a nos proteger de julgamentos, ridicularização, racismo, traição e mágoas de todo tipo. Em reuniões comunitárias em todas as culturas, vejo Irmãs que têm medo de falar honesta, aberta e diretamente por medo de julgamento.

Estas Irmãs não são apenas introvertidas. São mulheres que vão se condicionando para se dar bem e para isso vão abafando seu verdadeiro “eu”.

O mesmo é válido para os líderes. Vejo líderes que podem planejar e organizar com facilidade, mas que se esquivam de compartilhar seus sentimentos. Eles escondem suas lágrimas quando são machucados e sua raiva está à flor da pele. Vejo líderes que trabalham até se consumir e me pergunto: onde está a alegria em suas vidas? Vejo líderes com medo de dizer: “Não sei”, “Não tenho as respostas” ou “Não consigo fazer isto sozinho”. Muitos líderes têm muito medo de reconhecer, muito menos de abraçar sua vulnerabilidade. Consequentemente, muitos líderes deixam seu mandato esgotados, feridos ou fisicamente doentes.

Tanto os líderes como os membros sentem-se tímidos em compartilhar com honestidade. Todos temos medo de nos mostrar vulneráveis porque todos nós, em um momento ou outro, fomos feridos. A Vida Religiosa reforçou esta evitação da auto exposição. Os efeitos remanescentes permanecem hoje de anos anteriores em que o silêncio era uma virtude, a modéstia dos olhos e o capítulo das falhas eram a regra, amizades particulares deveriam ser evitadas e outras normas desse tipo funcionavam contra qualquer auto divulgação honesta e intimidade saudável. O mundo corporativo tem barreiras ainda maiores com sua ênfase no poder e controle, tornando mais difícil para os religiosos resistirem humildemente contra um mundo secular.

Outra ocorrência comum que testemunho em todas as comunidades é que ouço membros defenderem líderes que são criticados publicamente nas assembleias, implorando aos outros membros que “confiem na liderança”! Isto não constrói a confiança. As comunidades precisam de *habilidades de confiança* para saber como construir confiança e repará-la quando ela se rompe. Ouço líderes rotularem muitas conversas como “confidenciais”, com medo de como outros poderiam administrar questões sensíveis. Isto não ensina aos membros como administrar seus limites. Os membros precisam aprender a diferença entre sigilo, privacidade e confidencialidade e como estabelecer limites claros e permeáveis. Muitos líderes tentam ser pais em vez de parceiros, dizendo a seus membros o que devem fazer, ou fazendo pelos outros o que poderiam fazer por si mesmos, em vez de capacitá-los e desafiá-los a aprender.

A resposta aos desafios que vocês enfrentam hoje não pode ser blindar seus corações, ficar escondidos e construir fortalezas nesta curva da estrada. Este não é “o caminho e a vida” que Jesus propõe para nós (João 14,6). Não é o jeito do antigo caminho do qual Jeremias falou a respeito (6,16). Estas não são as condições nas quais emerge uma nova vida. Vocês não podem, com qualquer integridade como líderes, pedir aos outros que façam seu trabalho interior e

abracem sua vulnerabilidade se vocês mesmos não estiverem dispostas a fazê-lo.

Como líderes, vocês precisam criar as condições para o surgimento de uma nova vida. Vocês precisam criar espaços seguros, espaços verdes, onde os membros possam se atrapalhar e falhar, desaprender, reaprender e crescer. Vocês precisam controlar seus medos sobre o “outro estranho” e aprender a ultrapassar as diferenças. Isto não acontecerá por decreto do Capítulo ou pelo cumprimento de autoridade. Vocês precisam ajudar a construir novos esquemas mentais, novos corações e novas habilidades se vocês quiserem criar uma nova maneira de ser. Isto requer mais do que um workshop de fim de semana com a participação de um punhado de pessoas. A transformação comunitária requer uma mudança pessoal, comunitária e sistêmica, envolvendo todos os membros numa caminhada de Transformação.

Reflexão

-
- 1. Que novos esquemas mentais, corações e habilidades são necessários em sua comunidade?*
 - 2. Qual poderia ser seu papel como líder para ajudar sua comunidade a adquiri-los?*
-

Abraçar nossa vulnerabilidade recuperando nossa voz interior

Embora cada um dos cinco elementos dinâmicos de transformação requer uma aceitação de nossa vulnerabilidade, aquele com que eu gostaria de aprofundar mais é “*Recuperar nossa voz interior: a base e a fonte de tudo o que vive*”.

Em muitos aspetos, isto é trabalho de sombra. Requer recuperar aquelas partes de mim que de outra forma eu reprimi por causa da vergonha ou da autocondenação. Estas são as partes de mim que, se recuperadas, me colocam em risco de rejeição por outros, expondo-me ao julgamento de outros como desinteressado, indigno, intocável ou de alguma forma inamável. Recuperar minha voz interior, significa abraçar todo o meu eu, meu verdadeiro eu, minhas vulnerabilidades e minhas forças. Portanto, deixe-me compartilhar um pouco de minha própria vida e convidá-lo a refletir sobre a sua. Você já experimentou o que eu experimentei?

Confissões de um hipócrita

Você já chegou a um ponto em que a vida que você estava vivendo não era mais a vida que queria para você? É aquela dolorosa percepção de que você está vivendo uma vida que não é mais a sua, uma vida que não está mais alinhada à sua própria alma. Talvez você subitamente percebeu que quem você era para os outros não era nada mais do que uma mistura de personas, uma mistura de máscaras, ao invés de um reflexo de seu eu autêntico. Ou talvez você tenha despertado um dia e pensado: *Que inferno! Como eu cheguei até esse ponto?* É pior do que perder as chaves do carro, a carteira ou o telefone celular. É a temida sensação de que, de alguma forma, de alguma maneira, você se perdeu e que a vida que você está vivendo não é mais sua. Você é uma fachada!

Por exemplo, você já teve a ideia, enquanto trabalhava com os outros, de que você não estava vivendo a mesma vida que você os encorajava de viver? Talvez você os estivesse convidando a ser mais honestos, íntegros, autênticos, ou corajosos, enquanto você estava camuflando sua própria vida. Talvez você tenha aconselhado os outros a abordar questões que eles estavam evitando, a conciliar relacionamentos que eles não haviam consertado, ou a buscar cura para si mesmos, enquanto você havia evitado essas mesmas tarefas em sua própria vida. *Você nunca deixou de praticar* o que pregou e se viu enojado com sua própria hipocrisia? Eu já.

No início da minha carreira, eu tinha uma prática clínica próspera. Eu estava crescendo como psicoterapeuta e me tornando mais hábil em ajudar os outros a se tratar e a crescer. Sentia compaixão pelo sofrimento deles e tinha insights a oferecer, porque havia experimentado sofrimento em minha própria vida e fui capacitado profissionalmente. Ironicamente, porém, eu tinha pouca percepção de meu próprio sofrimento e estava pouco consciente das origens de minha empatia. Eu não tinha reunido as razões de meu sofrimento, seu impacto sobre minha psique, ou a narrativa que eu havia criado em minha própria alma. Eu tinha apenas um indício, naquele momento, de que a pessoa que eu havia apresentado à minha família e amigos havia se afastado de sua origem. Em minha vida pessoal eu estava vivendo uma vida separada do meu interior, de minha alma, enquanto, como terapeuta, eu estava ficando mais alinhado com ele e mais familiar.

Eu estava ficando cada vez mais consciente e desconfortável com esta experiência de contraste. Eu era uma pessoa como terapeuta (mais capaz de intimidade, mais autêntica e mais capaz de desafiar a mim mesmo e aos outros), e outra bem diferente com a família e os amigos (superficial, escondida e

aderindo ao meu lema de *paz a qualquer preço*). Eu estava me tornando cada vez mais consciente e desconfortável com minha própria hipocrisia. Eu não estava praticando em casa o que estava pregando em meu consultório, e isso estava corroendo meu interior, minha alma. Eu havia formado uma persona para os outros verem e estava vivendo uma vida desvinculada de minha própria voz interior.

Bem, é desnecessário dizer que este abismo cada vez maior entre minha vida interior e minha vida exterior fomentou uma crise. Fiquei aterrorizado enquanto me sentava no lado do cliente do sofá esperando que meu terapeuta entrasse na sala. *Acho que é assim que meus clientes se sentem quando se sentam pela primeira vez no meu consultório. Isto é uma droga!* Quando ele abriu a porta, antes mesmo de ter a oportunidade de sentar-se com sua confortável xícara de café, eu olhei para ele e disse: “Minha vida inteira está em jogo. É melhor que isto funcione!”. Ao que ele respondeu, indiferente, sem perder a postura: “Bem, isso depende inteiramente de você.”

A encruzilhada a que eu tinha chegado estava prestes a me testar de maneiras que eu nunca havia sido testado antes. Eu não tinha ideia aonde a caminhada me levaria, o que poderia descobrir, quanto tempo poderia levar, o que poderia me custar, ou o que poderia emergir dela. Será que eu realmente queria crescer ou deveria apenas ficar escondido? Eu sabia que meu casamento de 11 anos e um livro de histórias poderia facilmente desabar se eu escolhesse enfrentar este castelo de papel. Justamente quando parecia que minha vida tinha se tornado o que eu esperava - uma casa confortável, um casamento “agradável”, com três lindos filhos e uma carreira promissora - tudo corria risco se eu decidisse enfrentar minha própria inautenticidade e falta de integridade. Isto foi realmente muito desafiador!

Foi um momento de “voltar para Jesus”, uma encruzilhada em minha própria vida, que só em retrospectiva eu poderia conhecer plenamente como uma graça. Havia uma voz mais profunda dentro de mim que eu havia ignorado por muito tempo e que havia pago um preço terrível. Eu tinha uma escolha, empurrar esta voz interior com a barriga, protelar, ou começar a escutar. Eu escolhi escutar. O que eu ouvi foi o amor libertador de Deus que me atraía de volta à vida.

Nós, às vezes, colocamos os papéis alinhados com aquele poço interior profundo alimentado por sua fonte pura. Nós nos entregamos à fadiga compassiva e nos perguntamos se somos destinados a uma ilusão. Às vezes, achamos que é vergonhoso demais falar sobre essas coisas. Acabamos nos distanciando de nós

mesmos e dos outros. O lento trabalho de Deus, a natureza obscura de tudo isso, as inevitáveis curvas erradas e impasses, podem causar confusão e abalar nossa confiança. O risco é grande. É melhor que isto funcione! Portanto, basta de falar de mim. Vamos olhar para sua vida.

Reflexão

- 1. Sua vida está alinhada com a alma, com quem você de fato é, ou você se distanciou inconscientemente da vida que estava predestinado a viver? O que sua vida está lhe dizendo sobre quem você está crescendo e se tornando?*
 - 2. Você está na zona de conforto ou ainda está crescendo na pessoa que Deus pretende que você seja? Você realmente quer crescer, ou talvez você prefere ficar escondido?*
-

Abrace sua vulnerabilidade como um ato de voltar para casa

A dor privada é um legado do individualismo ocidental. Estamos condicionados a aceitar a noção de dor privada, privando a nós mesmos e aos outros das próprias coisas que necessitamos para permanecer emocionalmente vitais: comunidade, ritual, natureza, compaixão, contemplação, beleza e amor. Qual é a dor que é toda nossa e se prolonga em nosso eu/alma coletivo?

Eu acredito que a solidão é talvez o sofrimento mais profundo de nosso tempo. Mesmo que estejamos conectados via zoom, enviando mensagens de texto e e-mails por horas, isso não reduz nossa solidão. Não estamos conectados aos outros porque, com demasiada frequência, não estamos conectados a nós mesmos. Não estamos tomando tempo para respirar, para sentar em silêncio, e entrar em contato com o que estamos sentindo, para conhecer nossos corpos e nossas mentes. Precisamos voltar para casa, para nosso interior e para nosso Deus. Precisamos nos acalmar e nos concentrar em nossa respiração para nos libertarmos de viver no passado e nos preocuparmos com o futuro. Precisamos estar presentes no aqui e agora para sermos verdadeiramente livres.

Uma vez que voltamos para casa, uma vez livres, presentes e fundamentados, podemos escutar, sentir o nosso próprio sofrimento. Podemos voltar e cuidar do sofrimento. Podemos ouvir nossa raiva, vergonha ou tristeza para que possamos lamentar, reconciliar e curar. Estes sentimentos são como uma criança pequena puxando nossas mangas. Aproprie-se desses sentimentos e os abrace com

ternura. Reconheça-os sem julgamento ou sem ignorá-los. *Abrace sua vulnerabilidade como um ato de volta para casa.*

Nós sabemos que o sofrimento dentro de nós contém o sofrimento de nossos antepassados, nossos pais e mães, e de seus pais e mães. Eles podem não ter tido a chance, ou não ter sabido como, curar o sofrimento deles e, portanto, podem tê-lo passado para nós. Se podemos transformar nosso sofrimento, ao invés de transmiti-lo, estaremos curando nossos pais, nossos antepassados, juntamente conosco mesmos. Estamos curando o sofrimento no mundo, o sofrimento daqueles com quem trabalhamos, o sofrimento em nossas comunidades.

Se compreendermos nossas próprias feridas abertas, se abraçarmos nossas próprias vulnerabilidades, seremos capazes de abraçar os outros em suas próprias dores e feridas. É por esta razão que precisamos sofrer, porque isso gera empatia, compaixão e amor, se, como esta criança puxando nossas mangas, pudermos reconhecê-las, abraçá-la, compreendê-la, e permitir que a graça de Deus as transforme.

Se você quer ajudar os outros em sua volta para casa, você deve amá-los e libertá-los. Para amá-los, você deve compreender sua vulnerabilidade e, para isso, deve abraçar as suas próprias fragilidades. Se você pode compreender e abraçar as suas, você pode caminhar no lugar deles com compaixão e sem julgamento. Não vire as costas à sua própria vulnerabilidade e feridas abertas que lhe doem com o puxão das mangas. Faça seu trabalho interior para permitir que Deus transforme seu coração e assim transforme nosso mundo.

Agora não é o momento de perder a fé em nosso futuro, nem é o momento de perder a coragem. Agora é o momento de fazer um balanço e é nestes tempos que somos testados, testados até o mais profundo de nosso ser, de nossa alma. Agora aprenderemos quão grande ou pequeno é nosso coração, quão misericordioso, quão atencioso, quão fiel, quão responsável ainda temos que ser. Rezo para que todos nós tenhamos a força para lembrar que a vida é frágil. Todos nós somos vulneráveis. Todos nós, em algum momento de nossas vidas, iremos tropeçar e cair. Devemos levar isto em nossos corações: O que nos foi dado é muito especial; ele pode ser tirado de nós e, quando for tirado de nós, seremos testados por nossas próprias almas. É nestes tempos, e neste tipo de dor, que somos convidados a olhar profundamente dentro de nós mesmos, seguir os ensinamentos ancestrais e contar com o Amor que nos impulsiona para frente.

Reflexão

- 1. Como abraçar a chave da vulnerabilidade para sua transformação pessoal e comunitária?*
 - 2. Que lugar a transformação ocupa nesta caminhada sinodal, ou na transformação de nossa Igreja e do mundo?*
 - 3. Esta noção de “abraçar nossa vulnerabilidade” é um mero slogan, um gesto de humildade, ou este é o apelo de Deus para uma profunda mudança e transformação?*
-